

FH elogia Lula em concorrida palestra em Londres

Ex-presidente diz, na London School of Economics, que condução da política econômica pelo governo tem sido responsável

Flávia Barbosa

Especial para O GLOBO

• LONDRES. Uma semana após fazer duras críticas ao governo Lula, que estaria exagerando na ortodoxia e levando o país à recessão, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso afirmou ontem em Londres que não tem dúvidas de que a condução econômica e financeira da nova administração é responsável, que a situação ainda não permite "ações folgadas" e que as condições da economia global fazem com que as intervenções de líderes em países como a Argentina e o Brasil sejam de alcance limitado.

Falando para estudantes, empresários, diplomatas e funcionários do governo britânico, como único representante de países em desenvolvimento, o ex-presidente escolheu alvos internacionais: criticou a política unilateral dos EUA, os rumos da globalização e a ausência de uma estrutura de governança mundial.

FH: ênfase deve passar do financeiro para o social

Em contraste com o tom da entrevista ao site do PSDB, Fernando Henrique poupou Lula e preferiu lembrar suas ações a comentar as do atual governo. O ex-presidente encheu-se de bom humor para ser a estrela do seminário sobre as perspectivas da economia mundial da London School of Economics and Political Science (LSE), na qual será, a partir do ano que vem, pesquisador-visitante do exclusivo programa *Global Dimensions*. Ganhou foto na abertura do site da instituição, foi citado como um dos representantes da social-democrata Terceira Via (da qual o primeiro-ministro britânico Tony Blair é o maior

expoente) e foi apresentado pelo diretor da faculdade, Anthony Giddens, como o único sociólogo no mundo a atingir o mais alto posto de um país.

Durante o evento, organizado anualmente para conquistar novos patrocinadores e angariar fundos milionários para a LSE, Fernando Henrique arrancou gargalhadas e aplausos, recebeu afagos de Paul Volcker, ex-presidente do Fed (o Banco Central americano), e foi chamado, por engano, de Fernando Lula Cardoso.

Em sua palestra, a mais comentada do evento, o ex-presidente defendeu que a recuperação da economia mundial depende mais de ações socio-políticas do que de medidas

financeiras, pois países que lideram o cenário internacional — como EUA, Alemanha e Japão — vivem hoje crises de confiança por parte dos consumidores e hesitação na formulação de políticas públicas. Para ele, falta a essas nações assumir riscos, como fez o Brasil ao longo dos últimos anos.

Perguntado sobre quais riscos o Brasil assumiu, pois o país é conhecido por sua adesão a políticas econômicas conservadoras, o ex-presidente respondeu que o Brasil assumiu o que classificou de riscos responsáveis, como a reforma do sistema financeiro e a política de austeridade fiscal. Estas medidas, segundo ele, hoje diferenciam a economia

brasileira da argentina. Fernando Henrique disse que o atual governo tem tentado assumir os mesmos riscos responsáveis. Mas alfinetou:

— Não sei se vão conseguir.

No entanto, Fernando Henrique admitiu que o país ainda depende do exterior para retomar o crescimento.

— Nós (países em desenvolvimento) temos que assumir riscos, e temos assumido. Mas o que pode ser feito por um líder na Argentina ou no Brasil é muito limitado. Depende enormemente do que fazem as autoridades nos EUA ou na Europa — disse. — O Volcker teria muito mais espaço do que eu (para pro-

mover a recuperação).

Segundo ele, falta governança global para administrar períodos de crise.

— Eu enfrentei cinco crises financeiras em oito anos de governo, todas vindo de fora, não por causa da situação interna — disse o ex-presidente.

— Bem, até um certo ponto também eram as condições internas — emendou, com um sorriso, arrancando gargalhadas dos convidados.

Dominando a sessão de perguntas, Fernando Henrique protagonizou o momento mais descontraído do evento. Um ouvinte que, em discurso inflamado, clamava a união dos países mais pobres do mundo, pediu para ouvir o co-

mentário "do representante das nações em desenvolvimento", Fernando Lula Cardoso.

O ex-presidente acenou com a cabeça negando a identidade, novamente provocando gargalhadas. À vontade no papel de líder do bloco emergente, ele aproveitou o ganchão para atacar os rumos da globalização, dizendo que é um processo incompleto para os países em desenvolvimento.

— Temos uma globalização financeira, não temos acesso a mercados. Isso é uma globalização extremamente assimétrica. Com este processo, podemos importar produtos mais baratos, mas de tempo em tempo também precisamos exportar. E há barreiras nos impedindo — disse, arrancando novos aplausos.

Ex-presidente evita comentar política de juros

No intervalo do seminário, Fernando Henrique disse a jornalistas que não gostaria de falar do governo Lula estando fora do Brasil, especificamente sobre "a tecnicidade" da política de juros. O ex-presidente ressaltou que as críticas da semana passada foram feitas rapidamente e dentro do PSDB, e acabou descartando o rótulo de continuidade atribuído ao novo governo.

— Eu acho que tem que dar tempo ao tempo para o governo mostrar o que vai fazer. Eu fui presidente e sei bem como é isso.

Fernando Henrique disse que considera a política econômica e financeira da atual equipe responsável, por tentar manter o Orçamento equilibrado e fazer as reformas, como condição para manter a inflação baixa.

— Ninguém faz o que o outro vinha fazendo. Faz o que o país precisa. ■